

# IHC: da pesquisa ao mercado

Cristiano Maciel<sup>1</sup>

Toda oportunidade de reflexão sobre um tema ou uma área nos faz analisar nossa trajetória, pensando um pouco sobre como nós e nossos conhecimentos se construíram nesse processo. Da minha parte, o aprendizado em IHC deu-se já no doutorado, quando despertei para a necessidade de pensar o meio – a interface – a partir de seus usuários!

De lá para cá, foram apenas 12 anos. Digo “apenas” pois, de fato, considero muito pouco tempo, até porque nossa área é relativamente nova se compararmos a tantas outras. O fato é que, para aprender a fazer pesquisa e a se posicionar enquanto pesquisador desta área, foi fundamental que eu participasse de eventos da área no Brasil e no exterior, estivesse junto da comunidade de IHC e lesse pesquisas de outros autores, a fim de entender o que nos diferencia de outras áreas.

Tendo no centro dos seus processos os usuários de sistemas computacionais, hoje cada vez mais diversos (tanto os sistemas quanto os usuários), a área de interação tem a delicada missão de permitir que essa relação entre pessoas e dispositivos seja cada vez mais satisfatória. Todavia, projetar soluções para pessoas, em distintos domínios, requer competências e habilidades não só das teorias, métodos, técnicas, procedimentos e ferramentas (o que já é quase todo o arcabouço metodológico), mas também um mergulho nas áreas em que os sistemas serão úteis. A modelagem dos aspectos sociotécnicos requeridos para as atuais aplicações, nas quais pessoas se conectam via software para diferentes fins é desafiadora. Questões éticas, morais e de privacidade, por exemplo, passam a ser essenciais para que dado sistema possa ser bem recebido pelos usuários.

Por outro lado, só há como vencer a complexidade do desenvolvimento dos sistemas se adotarmos uma abordagem interdisciplinar, na qual profissionais de diferentes áreas olham para dado objeto, buscando solução para certo problema com múltiplos olhares. Essa não é uma tarefa simples, não só porque formar redes interdisciplinares requer desprendimento e abertura ao novo, mas também porque a modelagem de certas necessidades não é trivial. Ainda não “fomos formados” numa escola interdisciplinar.

Acho que a pesquisa é algo que vai tomando o pesquisador de uma forma única. Passamos a olhar o mundo com as lentes dos nossos objetos, passamos a ver os sistemas com base nos diversos referenciais que nos tomam, do epistemológico ao prático. Assim, para fazer pesquisa, é necessário ter motivação, gosto pelo objeto e muita dedicação para analisá-lo em profundidade. Ter feedback daquilo que se está fazendo, seja em conversas com outros colegas, seja na submissão de artigos para eventos, é fundamental também.

---

<sup>1</sup> Instituto de Computação – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Cuiabá/MT.  
cmaciel@ufmt.br

Entender metodologia da pesquisa, seus meandros e possibilidades, é, da mesma forma, essencial. E muita leitura. Só a partir de estudos bem conduzidos com base em trabalhos relacionados ao objeto pesquisado é que podemos saber para onde avançar.

Você já tentou se perguntar o que o faz pesquisador de dado objeto? Quando estamos em uma pós-graduação, muitas vezes, acabamos entrando em pesquisas com outros pesquisadores, sem muitas vezes termos “escolhido” o objeto. Em outras ocasiões, ideias aparecem e encontram no nosso desejo solo fértil para progredirem. Todas as duas opções nos enriquecem.

No meu caso, pude no doutorado refletir sobre a interação em sistemas do domínio de governo eletrônico, os quais têm o cidadão como público universal. Somos cidadãos e essa discussão nos interessa. Além disso, pude vivenciar a aplicabilidade da área de IHC em sistemas desenvolvidos no laboratório de pesquisa da minha orientadora.

Em fase posterior a esta, comecei a pesquisar Legado Digital pós-morte e me perguntaram: “Por que você estuda a morte”? E agora, Cristiano, o que dizer? A priori, foi porque passei pela perda de amigos nas redes sociais e comecei a questionar as limitações desses sistemas face à morte. Todavia, com mais calma, fui perceber que, desde a minha infância, acompanhava meus pais aos cemitérios, aos domingos, num exercício de fé e homenagem aos antepassados. Percebi, então, que entender “o que me faz pesquisador” é um exercício muito interessante e útil.

Por outro lado, o motor de toda essa jornada de pesquisa encontra no mercado sua aplicabilidade. Assim, é importante sempre questionarmos a utilidade das nossas pesquisas, deixando claro como elas podem ser utilizadas. Isso vale desde métodos e técnicas, até para ferramentas. Há que se ter um esforço adicional para buscar relação com instituições públicas e/ou privadas que possam ajudar na prospecção desses conhecimentos para a indústria. Esse não é um exercício trivial; tal elo requer atenção e persistência.

A tessitura de uma pesquisa, sua construção em etapas sempre tão importantes, é um lindo exercício. A socialização de nossas ideias por meio de artigos, a eternização deles em bases na Web, o uso destes por outros pesquisadores, pelo mercado... todas essas possibilidades são animadoras, mas de grande responsabilidade. Pesquisar é uma arte e o pesquisador é o artista que a executa, de forma única e, em geral, a várias mãos. Se nossas “artes” em IHC melhorarem a vida daqueles que usam tecnologias, tudo isso faz sentido.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos colegas Isabela e Roberto pela oportunidade desta reflexão; à Comunidade de IHC da Sociedade Brasileira da Computação no Brasil, por tantas e produtivas interações; e à “Cadernos em Informática”, por socializar nossas ideias.



**Cristiano Maciel** possui graduação em Bacharelado em Informática pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Especialização em Avaliação Educacional pela Universidade Federal de Mato Grosso, Mestrado em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com estágio na Universidade de Coimbra, em Portugal. Possui experiência tanto docente quanto administrativa e possui publicações nas áreas de Ciência da Computação e da Educação. Atualmente é Professor Adjunto IV do Instituto de Computação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, pesquisador do Laboratório de Ambientes Virtuais Interativos (LAVI) e Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LeTECE). É Secretário da Regional Mato Grosso da Sociedade Brasileira de Computação

(SBC), membro da Comissão Especial de Interação Humano-Computador (CEIHC – SBC) e Diretor Geral da Fundação de Apoio e Desenvolvimento da UFMT (Fundação Uniselva). Seus interesses são pelas áreas de aplicações Internet, interação humano-computador, engenharia de software, gerência de projetos, redes sociais, governo eletrônico, legado digital pós-morte, educação a distância e avaliação educacional.